

# MARIA TRONCATTI

## FILHA DE MARIA AUXILIADORA, BEATA

Em 25 de agosto de 1969, em Sucúa (Equador), o pequeno avião que leva a irmã Maria Troncatti à cidade precipita-se poucos minutos depois de decolar, no limiar daquela selva que foi por quase meio século sua “pátria do coração”, espaço da sua entrega incansável entre os “Shuar”. Irmã Maria vive sua última partida, aquela que leva ao Paraíso! Tem 86 anos, todos eles consumidos no dom de amor. Escrevia: “Sou a cada dia mais feliz pela minha vocação religiosa missionária!”. Nasce em Corteno Golbi (província de Brescia, Itália) em 16 de fevereiro de 1883. Cresce alegre e operosa entre os campos e no cuidado dos irmãozinhos, num clima ardente de afeto dos pais. Assídua à catequese paroquial e aos sacramentos, a adolescente Maria amadurece um profundo sentido cristão que a abre à vocação religiosa. Em Corteno chega o Boletim Salesiano e Maria, rica de valores cristãos, pensa na vocação religiosa. Em obediência ao pai e ao pároco, porém, espera chegar à maioridade antes de pedir a admissão no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, e emite a primeira profissão em 1908 em Nizza Monferrato. Durante a Primeira Guerra Mundial (1915-1918) irmã Maria segue em Varazze os cursos de assistência sanitária e trabalha como enfermeira da Cruz Vermelha no hospital militar, uma experiência que lhe será muito preciosa durante a sua longa atividade missionária na região amazônica do Equador.

Após um violento tornado, Maria promete a Nossa Senhora que, se Ela salvasse a sua vida, partiria para as missões. Nossa Senhora escuta o seu pedido e irmã Maria pede à Madre-Geral para trabalhar entre os hansenianos. Depois de longos anos de espera, o seu pedido de partir como missionária é aceito. A Madre-Geral, Catarina Daghero, destina-a em 1922 às missões do Equador, de onde jamais retornará à pátria. Permanece três anos em Chunchi. Acompanhadas pelo bispo missionário dom Domingos Comin e por uma pequena expedição, irmã Maria e outras duas coirmãs entram na floresta amazônica. Seu campo de missão é a terra dos índios Shuar, na parte sul-oriental do Equador. Tão logo chega em Mendez, irmã Maria conquista a estima da tribo, operando com um canivete a filha de um chefe, ferida por uma bala. As irmãs estabelecem-se definitivamente numa pequena casa na colina, em Macas, um povoado de colonos rodeado pelas habitações coletivas dos Shuar. Como Dom Bosco foi pai e mestre, irmã Maria tornou-se mãe, e por 44 anos será chamada por todos de Madrecita.

Faz com as coirmãs um difícil trabalho de evangelização em meio a perigos de todos os tipos, não excluídos os causados pelos animais da floresta e pelas insídias dos rios encapelados a serem atravessados a vau ou em frágeis

pontes de cipós ou até mesmo nas costas dos índios. Macas, Sevilla Don Bosco, Sucúa são alguns dos “milagres” ainda florescentes de irmã Maria Troncatti: enfermeira, cirurgiã e ortopedista, dentista e anestesista, mas sobretudo catequista e evangelizadora, rica de admiráveis recursos de fé, paciência e amor fraterno. Aos poucos e com um duro trabalho irmã Maria Troncatti visita as cabanas para cuidar dos doentes: fala de Cristo na língua local. Sua obra pela promoção da mulher shuar floresce em centenas de novas famílias cristãs, estabelecidas pela primeira vez por livre escolha dos jovens esposos. É apelidada de “a médica da selva”, e luta pela promoção humana, principalmente da mulher. As mulheres começam a aprender corte e costura, a manter a casa em ordem, e os homens, a cultivar a terra. Com a propagação de uma epidemia de varíola, irmã Maria vai de um lugar a outro para combater a doença, ajudar e apoiar. Anuncia e testemunha a todos o amor do Pai na selva equatoriana. É a madrecita, sempre solícita em ir ao encontro não só dos doentes, mas de todos os que precisam de ajuda e esperança. De um simples e pobre ambulatório chega a criar um verdadeiro hospital, preparando ela mesma as enfermeiras. É “médica” para o corpo e para o espírito; enquanto cuida ou distribui remédios, aconselha e evangeliza. Com paciência materna escuta, favorece a comunhão entre o povo e educa indígenas e colonos ao perdão. “Um olhar para o crucifixo me dá vida e coragem para trabalhar”: é a certeza de fé que sustenta a sua vida. Em qualquer atividade, sacrifício ou perigo, sente-se sustentada pela presença materna de Maria Auxiliadora. A missionariedade generosa de irmã Maria exprime-se na vida entregue à evangelização e à promoção humano-social da população shuar, na selva amazônica do Equador. Sua ação é toda ritmada pelas exigências da fidelidade ao amor de Deus. Em seu nome, irmã Maria se faz transparência de compreensão e misericórdia para com todos os carentes no físico e no espírito. Em sua dedicação sobressai também um intenso amor de fidelidade à Igreja, que se expressa igualmente na solicitude pelos ministros de Deus: está sempre pronta a ajudá-los nas dificuldades da missão.

Seus restos mortais repousam em Sucúa, província de Morona (Equador). Um dos missionários de então, padre João Vigna, deixou-nos este testemunho sobre irmã Maria Troncatti: “É a encarnação mesma da simplicidade e da sagacidade evangélicas. Com que delicada maternidade conquista os corações! Encontra para todos os problemas uma solução que, à luz dos fatos, resulta sempre a melhor. Jamais se esquece que deve tratar com seres frágeis e pecadores. Eu a vi tratar a natureza humana sob todos os aspectos, também os mais miseráveis, pois tratou-os com elevação e gentileza que nela era espontânea e natural. O que me surpreende é que em tudo e sempre permanecia delicadamente mulher. Diria quanto mais virgem, tanto mais mãe”.

## ORAÇÃO

Pai misericordioso, que, por obra do Espírito Santo, suscitaste na Beata Maria Troncatti, virgem, uma materna caridade no anúncio de Cristo aos povos, concede-nos ser instrumentos de reconciliação e de paz; e concede-nos, por sua intercessão, as graças que te pedimos...Por Cristo nosso Senhor.

**Amém.**

**Referência Bibliográfica:** CAMERONI, Pe. Pierluigi. *Como estrelas no céu: figuras de santidade na companhia de Dom Bosco*. Tradução de Pe. José Antenor Velho. Brasília: Edebê Brasil, 2017, pp. 173 - 176.